

CEMITÉRIO DE SÃO PEDRO

GEORG TRAKL

O TEXTO: Seleção com cinco poemas de Georg Trakl: “Cemitério de São Pedro” (“St.-Peters-Friedhof”), publicado no jornal austríaco *Salzburger Volksblatt*, em 10 de julho de 1909; uma espécie de homenagem ao local em que o poeta gostava de passear ao entardecer. E também: “Os corvos” (“Die Raben”), “No inverno” (“Im Winter”), “Rondel” e “Canto dum melro em Cativeiro” (“Gesang einer gefangenen Amsel”), que fazem parte da “fase madura” do poeta, escritos a partir de 1912, e que integram a coletânea *Die Dichtungen* (1938), oferecendo uma mostra de sua lírica, considerada hermética.

Textos traduzidos: Trakl, Georg. “St.-Peters-Friedhof”. In: *Salzburger Volksblatt*, 10. Juli 1909; *Die Dichtungen*. Salzburg: Otto Müller Verlag, 1938.

O AUTOR: Georg Trakl (1887-1914), poeta austríaco, nasceu em Salzburgo. Considerado um dos maiores poetas expressionistas de língua alemã do século XX, foi militar e farmacêutico, o que favoreceu seu vício em drogas e cujos efeitos se refletiram em sua lírica. De sensibilidade romântica, deu voz a um profundo desencanto com o mundo moderno, uma religiosidade desaperçoada e uma aguda percepção do sofrimento humano. Em sua vida boêmia e literária, teve contato com a vanguarda do Expressionismo, movimento do qual se tornou expoente ímpar e dissonante. Em vida, publicou *Gedichte (Poesias)*, em 1913. Suicidou-se aos 27 anos, de superdose de cocaína.

O TRADUTOR: Marcos Müller é formado pelo Goethe-Institut Porto Alegre. É tradutor do alemão, francês, inglês e grego antigo. Participou das *Flores da Antologia Grega* (2019), publicada pelos *Cadernos de Tradução* (UFRGS), tendo traduzido Rufino, Cirilo, Luciano de Samósata, entre outros.

ST.-PETERS-FRIEDHOF

*“Auf Gräbern, die im Dunkel trauern
Doch diese Trauer hat kein Leid.”*

GEORG TRAKL

ST.-PETERS-FRIEDHOF

Ringsum ist Felseneinsamkeit.
Des Todes bleiche Blumen schauern
Auf Gräbern, die im Dunkel trauern –
Doch diese Trauer hat kein Leid.

Der Himmel lächelt still herab
In diesen traumverschlossenen Garten,
Wo stille Pilger seiner warten.
Es wacht das Kreuz auf jedem Grab.

Die Kirche ragt wie ein Gebet
Vor einem Bilde ewiger Gnaden,
Manch Licht brennt unter den Arkaden,
Das stumm für arme Seelen fleht –

Indes die Bäume blüh'n zur Nacht,
Daß sich des Todes Antlitz hülle
In ihrer Schönheit schimmernde Fülle,
Die Tote tiefer träumen macht.

DIE RABEN

Über den schwarzen Winkel hasten
Am Mittag die Raben mit hartem Schrei.
Ihr Schatten streift an der Hirschkuh vorbei
Und manchmal sieht man sie mürrisch rasten.

O wie sie die braune Stille stören,
In der ein Acker sich verzückt,
Wie ein Weib, das schwere Ahnung berückt,
Und manchmal kann man sie keifen hören

Um ein Aas, das sie irgendwo wittern,
Und plötzlich richten nach Nord sie den Flug
Und schwinden wie ein Leichenzug
In Lüften, die von Wollust zittern.

IM WINTER

Der Acker leuchtet weiß und kalt.
Der Himmel ist einsam und ungeheuer.
Dohlen kreisen über dem Weiher
Und Jäger steigen nieder vom Wald.

Ein Schweigen in schwarzen Wipfeln wohnt.
Ein Feuerschein huscht aus den Hütten.
Bisweilen schellt sehr fern ein Schlitten
Und langsam steigt der graue Mond.

Ein Wild verblutet sanft am Rain
Und Raben plätschern in blutigen Gossen.
Das Rohr bebt gelb und aufgeschossen.
Frost, Rauch, ein Schritt im leeren Hain.

RONDEL

Verflossen ist das Gold der Tage,
Des Abends braun und blaue Farben:
Des Hirten sanfte Flöten starben,
Des Abends blau und braune Farben;
Verflossen ist das Gold der Tage.

GESANG EINER GEFANGENEN AMSEL

Für Ludwig von Ficker

Dunkler Odem im grünen Gezweig.
Blaue Blümchen umschweben das Antlitz
Des Einsamen, den goldnen Schritt
Ersterbend unter dem Ölbaum.
Aufplattert mit trunknem Flügel die Nacht.
So leise blutet Demut,
Tau, der langsam tropft vom blühenden Dorn.
Strahlender Arme Erbarmen
Umfährt ein brechendes Herz.

CEMITÉRIO DE SÃO PEDRO

*“Em tumbas que de noite gemem
Mas tal gemer não sente dor.”*

GEORG TRAKL

CEMITÉRIO DE SÃO PEDRO

Pétrea solidão derredor.
Da Morte murchas flores fremem
Em tumbas que de noite gemem –
Mas tal gemer não sente dor.

Quieto o céu sorri sobranceiro
A esse jardim fechado em sonhos,
Cuidam-no peregrins guardonhos.
Vela a cruz em cada carneiro.

Ergue-se a igreja como prece
Ante imagem de eterna graça,
Luz sob arcadas esvoaça,
E pobres almas favorece –

Florindo as frondes ao luar,
E a face da Morte se cubra
Com sua abundância aurirrubra,
A Morta a fundo faz sonhar.

OS CORVOS

No negro rincão se precipitam
Gritando os corvos ao meio-dia.
Sua sombra as corças tripudia,
Que amiúde ranzinzas hesitam.

Oh como estorvam a parda calma,
Na qual a campina se arrebatá,
Como mulher que a cisma azorata,
E amiúde o bando se desalma

Sobre umas carniças que fareja,
E de repente ruma pro norte
E some qual cortejo da morte
Nos ares que a volúpia chameja.

NO INVERNO

O campo branco e gélido resta.
O céu fulgura imenso e pressago.
Gralhas a gravitar sobre o lago.
Caçadores descem a floresta.

Silêncio em negras copas flutua.
Da cabana escapole um lampejo.
Longe ecoa um trenó boscarejo,
E sem pressa sobe a baça lua.

Na encosta esvai-se em sangue uma caça,
E corvos chapinham no valeiro.
O líteo junco treme ligeiro.
Fumo, geada, uma passada lassa.

RONDEL

Ausente está o ouro dos dias,
Desabam tons brônzeos e blaus:
Dos hirtos pastores os flautos,
Desabam blaus e brônzeos tons;
Ausente está o ouro dos dias.

CANTO DUM MELRO EM CATIVEIRO

A Ludwig von Ficker¹

Bafejo soturno em verde ramagem.
Florzinhas azuis circunvoam a face
Do solitário e o passo dourado
A vasquejar sob a oliveira.
Adeja com bêbadas asas a noite.
Tão manso sangra desestima,
Rocio gotejando lento de sarça florente.
Compaixão de braços radiantes
Envolve um coração partindo.

¹ Editor-fundador da revista austríaca *Der Brenner* (1910), amigo próximo de Trakl. (n.t.)